



“SOU UMA PESSOA PROFUNDAMENTE SUPERFICIAL”

Meio século depois, Andy Warhol, o ícone dos anos 60, não poderia ser mais atual: afinal, como ele a geração do twitter e do facebook tende a ver a vida com a mais profunda superficialidade

Por Maria Rita Drummond
Fotos divulgação

Eu vejo tudo dessa forma, a superfície das coisas, como se fosse uma leitura mental em Braille. Eu passo as minhas mãos sob a superfície de todas as coisas” (Andy Warhol).

[Dependendo do ponto de vista, Andy Warhol pode ser considerado o maior artista da segunda metade do século XX ou o responsável pelo último golpe contra a pintura e pela banalização da arte no pós-modernismo. De um sofisticado observador, crítico ácido de seu tempo a um ingênuo e superficial interiorano, classe média, obcecado com o sonho americano de fama, dinheiro e consumo. Visões tão radicalmente opostas acompanharam sua vida e obra, marcada por uma ambivalência que persiste até hoje.

Nascido em 1928, no interior pobre de Pittsburgh, Andrew Warhola era filho de pais imigrantes da Eslováquia que mal falavam inglês. Foi uma criança tímida, sempre doente, que idolatrava Shirley Temple, gostava de brincar com bonecas e desenhar sapatos, artistas de cinema e histórias em quadrinhos.

Durante sua pré-adolescência, no fim dos anos 30, Shirley Temple era a pessoa mais fotografada do mundo e seus filmes quebravam todos os records. O pequeno Andrew era membro de seu fã-clube, colecionava suas fotos e merchandise, tudo que houvesse disponível sobre Temple. A ficção pela imagem e pelo ícone, que ele aprendeu a diferenciar desde

cedo, o acompanhou a vida inteira. A devoção por Temple só acabou quando foi substituída por outro ícone. Em 1948, Truman Capote declarava: “Eu me tornei a Shirley Temple de Andy”.

Elegante ilustrador de sapatos

Por ter crescido em uma família pobre e imigrante, Andrew e seus irmãos desejavam vivamente incorporar o estilo americano. Mergulhados na cultura de massa norte-americana, trabalhavam desde pequenos para ganhar dinheiro e ser alguém na vida. Aos 10 anos, Andy fazia desenhos de estrelas e borboletas para vender com os irmãos no mercado. Com o tempo, criou um estilo próprio de desenhar. Adepto da teoria de que se você não consegue fazer perfeitamente certo é melhor fazer perfeitamente errado, Warhol cria uma técnica oposta à dos ilustradores famosos de sua época. Ao imprimir seus desenhos com a tinta ainda fresca, fazia com que a linha perdesse a precisão.

Em 1949 Andy Warhol, assinando com o novo nome, chega em Nova York. Rapidamente começa a trabalhar para as revistas *Vogue*, *Glamour*, *Harper's Bazaar* e para lojas como Tiffany & Co, Bergdorf Goodman. Em pouco tempo, suas ilustrações estavam em todos os lugares, em capas de álbuns de música e de livros, e em anúncios de jornais, mas foram suas ilustrações dos sapatos I. Miller que trouxeram maior reconhecimento. Por uma década,

Andy foi o mais bem-sucedido ilustrador comercial dos Estados Unidos.

Mas isso não era o suficiente. Seu objetivo era se tornar um ícone e o mundo das artes plásticas poderia proporcionar isso. Em 1952 apresentou sua primeira exposição numa galeria de arte, com desenhos baseados na ficção de Truman Capote. Na sequência preparou algumas exposições de seus desenhos de sapatos, que foram responsáveis por sua primeira aparição em um museu. O Museu de Arte Moderna de Nova York, o Moma, incluiu seus desenhos em uma mostra temporária. Andy quis doar os desenhos para o museu, mas o conselho da instituição recusou a oferta. Anos depois as obras de Warhol ganharam destaque na coleção permanente desse badalado museu e de praticamente todos os museus do mundo.

O pop: fenômeno pós-moderno

“Por que eu tenho que ser original? Por que eu não posso ser não-original?”, escreveu certa vez. Nos anos 60 a estética americana começava a mudar. Todo o esnobismo e aspiração intelectual começavam a ceder lugar para o popular, para a arte de apelo fácil, artificial, exagerada, frívola e banal. Uma contracultura se instalava na moda, na música, no cinema e nas artes plásticas.

O modernismo, com sua complexidade e sofisticação que faziam com que a apreciação do fato estético fosse limitada a críticos, colecionadores e acadê-



Susan Sontag tentou desvendar por que a nova estética camp — algo entre o brega e o kitsch — a atraía e a repugnava ao mesmo tempo. “É bom porque é péssimo”

micos, foi substituído pelo que veio a ser chamado de pós-modernismo. No novo movimento não havia mais pré-requisitos nem regras para entender o que se via. As pessoas poderiam relacionar as imagens com sua vida, rotina, pensamentos, sem grandes elaborações.

No famoso ensaio *Notes on Camp*, publicado em 1964, a intelectual americana Susan Sontag tenta desvendar por que essa nova estética a atraía e a repugnava ao mesmo tempo. *Camp*, que pode ser traduzido com algo entre o brega e o kitsch, é bom porque é péssimo. Segundo a autora, é uma forma de aproveitar as coisas sem julgamento, de forma generosa, tratando o mau gosto com leveza e humor. Nesse sentido, a arte pop compreende muitos aspectos do que se define como *camp*, apesar de a própria escritora admitir que outros elementos fazem com que a arte pop seja um pouco mais séria e talvez nihilista. (Em tempo: a seriíssima Susan Sontag é um dos personagens filmados no estúdio de Warhol e presente na atual exposição da Pinacoteca.)

Dentro desse período e contexto, a contribuição de Warhol foi incontestável. Abandonando os desenhos decorativos e elegantes, Andy Warhol aposenta o lápis e o pincel para ingressar na arte pop manipulando imagens. Adepto da técnica de silk-screen, passou a se apropriar de fotografias e a transformá-las de forma kitsch em arte. Ele dizia que não tinha mudado de estilo, apenas de fórum: da loja de departamentos para as galerias de arte. Para ele, as lojas de departamentos eram verdadeiros museus.

Para ser bem-sucedido na nova empreitada, Andy tinha que estar no lugar certo e, principalmente, na galeria certa. Essa galeria era a de Leo Castelli. A história da arte pop está intimamente ligada ao galerista Leo Castelli, que descobriu e promoveu os pintores americanos na década de 60, como Jasper Johns, Robert Rauschenberg, Frank Stella e Roy Lichtenstein. Quando Warhol levou suas obras ao galerista, descobriu a semelhança de seu trabalho de histórias em quadrinhos com o trabalho que Roy Lichtenstein acabara de deixar na galeria. Castelli, a ver trabalhos tão semelhantes, rejeita os de Warhol e organiza uma exposição com os trabalhos de Lichtenstein.

O incidente deixa Warhol deprimido, já que reconhecia que precisava do apoio de Castelli para se tornar famoso. À procura de ideias para novos trabalhos, em uma visita da galerista Muriel Latow ao seu estúdio, ela sugere o uso das imagens das sopas Campbell's e de notas de dólar. Andy adorou a proposta. A sopa Campbell's fazia parte da sua história: por ter pouco dinheiro quando criança, era o melhor que podia comer. E com relação às notas, como dizia que dinheiro era o que ele mais amava na vida, fazia todo o sentido colocá-las como quadro na parede e ganhar por isso. Warhol acreditava ser pop perguntar às pessoas sobre o que ele deveria pintar, da mesma forma que era legítimo se apropriar de ideias que via em revistas e jornais. Para ele o que interessava estava sempre “por aí”. Retratava o que gostava, as coisas com que se relacionava imediatamente, tudo o que fazia parte da vida de um americano classe média.

No meio do caminho, um atentado

O trabalho com as sopas Campbell's e as notas de dólar foi um enorme sucesso e não demorou muito para que o famoso galerista percebesse que não poderia ficar sem Andy Warhol em sua vitrine. O último artista da nata da arte pop americana a ser representado por Castelli virou o mais famoso de todos.

Na sequência desses trabalhos, passou a criar retratos idealizados de artistas como Elvis, Marilyn Monroe e Liz Taylor. Em 1964, em suas mãos o tema pop ficou negro com as imagens mórbidas de acidentes de carro e cadeiras elétricas. O tema da morte voltaria mais tarde, após a tentativa de assassinato que sofreu em 1968. O atentado foi um divisor de águas em sua carreira: a feminista Valerie Solanas, criadora solitária da SCUM (Society for Cutting Up Men), atirou três vezes em Warhol, que demorou mais de dois meses a se recuperar. Após o acidente, Andy passou a produzir muitos retratos por encomenda, fundou a revista *Interview* e se dedicou a escrever livros, como a sua autobiografia *A Filosofia de Andy Warhol - de A a B e de Volta a A*, publicada em 1975.

Entretanto, antes do atentado, Andy já fizera muita coisa e esteve no ápice da carreira. Em 1965, cansado da pintura, se volta para o cinema. Os primeiros filmes foram imagens paradas, como a fita *Sleep*, em que registrou o poeta John Giorno dormindo por oito horas, e *Empire*, focando o prédio Empire State do anoitecer até o amanhecer. A crítica dizia que eram filmes impossíveis de assistir. *Chelsea Girls* atraiu mais atenção do público e foi o primeiro *cult*

Criou retratos de artistas como Elvis, Marilyn Monroe e Liz Taylor. Depois, o pop ficou negro com as imagens mórbidas de acidentes de carro e cadeiras elétricas

a ser exibido nos cinemas. Depois de 1966, suas produções passaram a conter cada vez mais cenas de nudez e pornografia. As filmagens ocorriam, em sua maioria, em seu estúdio, que veio a se tornar um lugar lendário.

Silver Factory e Velvet Underground

Rua 47, número 231, 4º andar, Manhattan, Nova York. Em fevereiro de 1964, essa antiga fábrica de chapéus, após ter sido toda coberta de papel-alumínio e ter todos os objetos (até a privada) pintados com tinta prata, se transformou no estúdio de Warhol, também conhecido como The Silver Factory. A decoração foi produzida com móveis achados na rua, incluindo o famoso sofá que aparece em diversas fotos e filmes. O lugar era aberto a todos, em um vai-e-vem diário que criava uma festa constante, com todo tipo de drogas — Warhol era viciado em anfetamina. Além da cor prata dominante no local, ele adotou uma peruca platinada, que passou a fazer parte de seu folclore. De 1964 a 1968, a Factory ferveu como palco de encontros e de criação artística dos mais diferentes tipos.

Nova York nunca mais foi a mesma depois de Warhol. Todos os artistas queriam frequentar as festas dos milionários do Upper East Side, tornando-se típicos alpinistas sociais, mas não Warhol. Ele chegava às festas com seu entourage de *drag-queens*, gays, e pessoas que convidava pelas ruas. Sua *persona* transcendia qualquer rótulo. Na nova estética *camp* dos anos 60, Warhol e Cia. eram referência de beleza, moda e comportamento. Dentre os acompanhantes de Warhol se destacava a modelo Edie



Sedgwick, sua conexão com artistas e milionários. Nascida em uma família americana rica, Edie pertencia à alta sociedade nova-iorquina. Morava no cultuado hotel Chelsea, referência no circuito cultural e musical da cidade, e circulava entre músicos e artistas. Ela foi estrela de diversos filmes de Warhol e inspiração de músicas de cantores *indie*. Muitas músicas de Bob Dylan foram inspiradas nela. O cantor teria sido o grande amor da vida de Edie, que, dependente de drogas, morreu aos 28 anos.

Na Factory, Warhol realizou centenas de filmes e fotografias, mas a maior recompensa que o lugar lhe trouxe foi proporcionar ter o que sempre quis: se tornar famoso e viver entre os famosos. Os Rolling Stones e o The Velvet Underground estavam sempre no estúdio prateado. Warhol foi produtor do The Velvet Underground, que incluía naquela época Sterling Morrison, Maureen Tucker, John Cale e Lou Reed e a cantora alemã Nico. Juntos produziram discos e o espetáculo *Exploding Plastic Inevitable*, que utilizava a música do grupo e os filmes do artista.

Consagrado como artista pop, com projeção internacional, Andy passou a focar na arte de ganhar dinheiro. Dizia que começou fazendo arte comercial, mas com o tempo virou comerciante de arte.

“A arte suprema é o negócio”

Andy adorava receber pessoas, saber das fofocas das celebridades, ver televisão e falar no telefone. Ele confessa no livro *A Filosofia de Andy Warhol* que seu primeiro relacionamento foi com uma

televisão. Ele era encantado com os programas de TV e podia passar o dia em frente ao aparelho. Obcecado pela fama e pelos famosos, consumista, viciado, esteta maior do estilo de vida americano dos anos 60, Warhol retratou o que viveu. A cultura do americano médio, o consumo em massa, tudo isso era visceral nele.

Robert Hughes, um contumaz crítico de Warhol, dizia que ele era uma das pessoas mais chatas que conheceu e que não tinha nada a dizer. Achava a reputação de Warhol ridiculamente superestimada. E ele não está sozinho nessa consideração. Quando a Tate Modern, localizada em Londres, organizou uma retrospectiva do artista americano, muitos críticos de arte questionaram a escolha do museu.

Existem inúmeras interpretações do que as diversas imagens de sopa queriam dizer: uma irônica crítica ao consumo em massa ou uma mera reprodução do que o artista via nas prateleiras dos supermercados? Warhol não perdia tempo tentando responder a essas questões nem às críticas sobre seu trabalho. Ao contrário, reforçava em seus livros autobiográficos e em entrevistas que o que se via nele era exatamente o que ele era.

Nunca tentou ser erudito ou algo diferente do que realmente foi. Desde pequeno, ele só queria ser famoso e ganhar muito dinheiro. Morreu em 1987 e sua morte foi destaque dos maiores jornais e revistas do mundo. Até hoje suas obras são destaque nos museus, objeto de mostras especiais e de estudos. Cinquenta anos depois, Warhol não pode ser mais atual: final, a geração do *twitter* e do *facebook* tende a ver a vida com a mais profunda superficialidade. 